

## SEU LUNGA: um personagem no trânsito entre uma vida real e os folhetos de cordel

*SEU LUNGA*: a character in the transit between real life and *cordel* brochures

*SEU LUNGA*: Un personaje en el tránsito entre la vida real y los *folhetos de cordel*

### Maria Gislene Carvalho Fonseca

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão.  
[mgisacarvalho@gmail.com](mailto:mgisacarvalho@gmail.com).

 0000-0003-3201-1946

Correspondência: Universidade Federal de Ouro Preto.,  
Rua do Catete, 166, Room 410, Center. 35420000 -  
Mariana, MG - Brazil

Recebido: 26.06.2021.

Aceito: 20.08.2021.

Publicado: 01.10.2021.

### RESUMO

Este artigo discute a história de Seu Lunga nos cordéis "As histórias de Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo", escritos por Abraão Batista, o primeiro poeta a publicar sobre o personagem. Entendemos o cordel como um fenômeno narrativo comunicacional de registros do cotidiano. Observamos aqui, em uma análise baseada na construção social da realidade, disputas de sentidos no cordel sobre Seu Lunga, constituindo-se um personagem tão verossímil quanto mítico, a partir da utilização de estratégias narrativas de efeitos de real. Concluímos que, ao virar personagem, pelos sentidos que seu nome convoca, Seu Lunga adquire permanência na memória coletiva.

**PALAVRAS-CHAVES:** Seu Lunga; Abraão Batista; Personagem; Cordel; Comunicação.

### Introdução

Este trabalho retoma a história de Seu Lunga nos cordéis. Um homem real que teve sua vida exposta e modificada a partir do momento em que vira personagem de folhetos. Trata-se aqui de uma adaptação da dissertação defendida em 2014 por esta autora no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada "Folhetos de cordel entre realidade e ficção cotidiana: um estudo da mídia na construção do personagem Seu Lunga".

Nosso objetivo com essa discussão é trazer o cordel para o centro do debate em Comunicação, apontando para caminhos que extrapolam os eixos já estabelecidos como o jornalismo, a publicidade e a comunicação organizacional. O cordel é um espaço de narrativas que reverberam para além de seus versos, como podemos observar ao pensarmos na construção de Seu Lunga como um personagem publicamente reconhecido no Ceará, onde os folhetos circularam com mais força.

Para isso, analisamos a construção social do personagem Seu Lunga nos folhetos de cordel "As histórias de Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo", escritos por

Abraão Batista, o primeiro poeta a publicar sobre ele – e depois seguidos por outros tantos, que não conseguimos abarcar. Nosso propósito é observar como, na emergência de sentidos do real, o cordel sobre Seu Lunga constitui um personagem tão verossímil quanto mítico, criando assim um imaginário cultural que o situa em dimensões não muito fáceis de serem apreendidas.

Seu Lunga é real ou ficcional? Não pretendemos responder a essa pergunta, mas devemos convocá-la em nossa análise – que está fundamentada nas propostas de Construção Social da Realidade a partir de universos simbólicos, por Berger e Luckmann (1985) – com o intuito de vislumbrarmos os espaços cognitivos pelos quais o personagem transita no cordel, a partir de estratégias narrativas que criam efeitos de real, e que carrega uma disputa permanente: será ou não ‘verdade’ aquilo que se diz sobre Se Lunga nos folhetos?

### **Seu Lunga: quem ele era?**

Joaquim dos Santos Rodrigues era o nome de batismo de Seu Lunga. Um homem que morou até o fim da vida, em novembro de 2014, em Juazeiro do Norte, no Cariri Cearense, a 516 km de Fortaleza. Ele era dono de uma sucata que funcionava no centro da cidade e que vendia uma grande variedade de objetos que se confundiam aos olhos dos visitantes que desconheciam a organização daquele espaço. Seu Lunga ficou conhecido por um comportamento peculiar: o de responder de forma grosseira aos seus interlocutores.

Evidenciava simplicidade. Vestia-se como um sertanejo é capaz de ser reconhecido: camisa de botão, calça de pano, sandálias e um chapéu para proteger-se do sol. Trabalhava diariamente na sucata, onde não tinha empregados. Foi devoto de Padre Cícero, como sugere a forte religiosidade da cidade de Juazeiro do Norte. As feições do rosto demonstravam um ar de cansaço e de pouca paciência. Seus discursos nos mostravam certa intolerância com aquilo que divergia de seus pensamentos. Ideias que pareciam fixas e com poucas possibilidades de mudança. Era interessado em política – já fora candidato a vereador da cidade de Juazeiro do Norte – e em poesia – recitava seus versos a quem pedisse.

Mas nenhuma destas características foi considerada tão marcante quanto a sua grosseria. Seu Joaquim ficou conhecido com o homem das respostas impacientes. Aos poucos, as histórias dos diálogos que aconteciam na sucata começavam a tomar forma de piada e se espalharem. Um indivíduo que viveu a situação contava a outra pessoa, que repassava a história a outro grupo e os relatos iam se difundindo potencialmente.

Cada história contada pela subjetividade do interlocutor, que ia adaptando os fatos de acordo com sua memória e obedecendo a um formato de anedota, incluindo ou retirando elementos que julgue interessantes e atuando como testemunhas oculares, contando o que viam, ou auditivas, relatando o que ouviam falar. A referência de realidade foi sendo construída por cada mediador que difundia o aspecto de grosseria de Seu Joaquim.

A criatividade dos sujeitos não fica restrita aos discursos que foram produzidos por Seu Joaquim e as suas adaptações. A grosseria das respostas foi se espalhando pelos boatos e aos poucos, histórias de diálogos com respostas inesperadas eram criadas e passavam a ser atribuídas a Seu Lunga. "Não existe muita riqueza de argumentação ou um intrincado desafio linguístico: é construir um contexto, formular uma pergunta que possa provocar seu gênio irascível e antever a resposta" (CARVALHO, 2006, p. 82). Ele se tornou uma sinédoque, ou seja, um sujeito que agregava o imaginário de diversos atos que não necessariamente tenha realizado, de comportamentos grosseiros, de respostas impacientes, que para serem tomadas como reais, precisavam de um sujeito que as executasse.

Assim, Seu Joaquim, aquele homem simples da sucata, de repente, passa a ser tratado como um personagem cômico, o protagonista das histórias de perguntas ingênuas e respostas intolerantes, o Seu Lunga. Segundo Carvalho (2006), sua imagem fora modelada e cristalizada pelo povo. O homem real virava, então, uma caricatura, uma representação que permanece sendo transmitida e retransmitida constantemente quando o assunto é "ignorância".

No Nordeste, a palavra "ignorância", pelo senso comum, refere-se a grosserias, dificilmente ao seu sentido formal que significa desconhecimento de determinada situação ou assunto. Assim, este adjetivo é comumente utilizado para classificar Seu Lunga, inclusive, colocando-o como "o homem mais ignorante do mundo". Por isso, também, criou-se uma metáforização que nomeia de "Seu Lunga" todo aquele sujeito que traz marcas de grosserias em suas falas.

O personagem Seu Lunga é uma caricatura do homem que conhecêramos no centro de Juazeiro do Norte. Inicialmente, falar em Seu Lunga podia referir-se a ele, mas, aos poucos, como uma metáfora<sup>1</sup>, ele foi adquirindo características próprias - ainda que algumas permaneçam com referência ao sujeito da realidade cotidiana. Ele se torna uma lenda do imaginário coletivo na região do Cariri cearense, uma curiosidade local, um

---

<sup>1</sup> Metáfora é uma figura de linguagem que atribui sentido a outra palavra ou a uma ideia por semelhança. "Enquanto figura, consiste em um deslucamento e em uma ampliação do sentido das palavras. Sua explicação deriva de uma teoria da substituição". (RICOEUR, 2005, p. 9)

traço distintivo da cidade onde mora, um símbolo representativo de Juazeiro do Norte. Quem ia a cidade a passeios, a eventos, a romarias, precisava reservar um tempo para conhecer a figura de Seu Lunga.

Personagem local que passa, então, a ser midiaticizado. O cordel, como um registro da história cotidiana, como uma mídia que apresenta acontecimentos próximos ao povo que a produz e que a consome, começa a fazer um registro daquilo que as pessoas contam sobre o homem que se tornou importante, que se tornou um destaque da cultura local. Um homem que, mesmo depois de morto, tem sua representatividade social por fazer parte do coletivo de significados que a cidade de Juazeiro do Norte possui.

Seu Lunga foi um indivíduo cuja vida se confundia entre o público e o privado, cujas ações se confundiam entre o interesse coletivo e a representação midiática, que transitam constantemente entre real e imaginário. O Seu Lunga dos cordéis aqui analisados é uma caricatura. Considerado pelos poetas com superlativos, pelo exagero de uma característica marcante: o homem mais zangado do mundo, o homem mais ignorante do mundo. Analisamos a construção de Seu Lunga como personagem de folhetos, que transita e se confunde entre realidade e representação, um personagem ambíguo cujo cotidiano é transfigurado em ficção. É este o homem que, aqui, nos propomos a reconhecer.

### **A construção do personagem**

Seu Lunga é tratado aqui como um personagem. Cria-se todo um cenário em torno de suas representações, que o constituem enquanto elemento principal de uma narrativa cômica e que se consolida no imaginário coletivo a partir das construções midiáticas, seja nos folhetos, onde tem mais força, seja na televisão ou nas revistas, que permitem que Seu Lunga seja transportado do espaço de Juazeiro do Norte para todo o Brasil.

Em uma narrativa, o personagem é quem conduz as ações. É nele que se concentram os fios condutores das histórias contadas. Personagem, segundo Rosenfeld (2011), constitui ficção. O conceito de Brait (2006) também enquadra o personagem no âmbito da ficção e a define como “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidos a partir dos recursos utilizados para a criação” (BRAIT, 2006, p. 31). Neste trabalho consideramos as definições dos autores, mas ampliamos a compreensão da personagem para as demais formas narrativas que ultrapassam a ficção. Temos personagens em textos jornalísticos, em relatos históricos, em folhetos de cordel. Entendemos aqui que

personagem é a representação discursiva de um condutor antropomorfizado das ações constituintes de uma narrativa.

Esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivo-emocionais e dos caprichos de alma do autor; através do caos de tais respostas, ela terá de inteirar-se amplamente da sua verdadeira diretriz axiológica, até que sua feição finalmente se construa em um todo estável e necessário. (BAKHTIN, 2011, p. 4)

Assim, Seu Lunga, que não constitui exatamente um personagem de ficção, mas que perpassa as atividades criativas e imaginativas dos poetas de cordel e que possui um referente na realidade cotidiana, ainda que com características distorcidas, é também considerado personagem e como tal é tratado aqui. Segundo Bakhtin (2011), o autor vivencia sua personagem, e a atitude essencialmente criadora está em atribuir-lhe imagens.

Entendemos Seu Lunga como personagem, pois aqui nos referimos ao ator dos causos contados nos folhetos, independente da discussão que se estabelece entre os poetas e Seu Joaquim acerca de uma veracidade das histórias contadas nos folhetos, como uma imagem construída a partir dos discursos dos poetas que versificam e imprimem outros discursos que já circulavam em torno dele, inserindo elementos imaginativos que se tornam cotidianos através da linguagem e criando novos causos.

Discutimos aqui o papel do personagem nos cordéis, analisando a narrativa no contexto de construção da realidade através de campos de significação, interpretando a transitoriedade deste personagem nos versos. Nosso foco não está no Seu Joaquim, mas no discurso criado e, assim, no personagem em que ele se transforma ao constituir-se como um elemento da narrativa. Pensamos aqui sobre como a realidade e criação estão combinadas na constituição deste personagem.

Segundo Bakhtin (2011), “as personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo”. Assim acontece com Seu Lunga, cuja circulação extrapola as fronteiras do folheto. Os usos, as atribuições metafóricas de seu nome como adjetivo e as próprias criações atribuídas a ele sugerem que as imagens construídas em torno do personagem e os seus significados vão além do que está descrito nos folhetos.

Ele escapa das páginas dos folhetos e torna-se cotidiano, vivido. Muitas vezes, por tratar-se de uma criação dos autores, os personagens se confundem com seus criadores e causam conflitos apontados por Bakhtin (2011): quando o personagem assume domínio sobre o autor; quando o autor se apossa da personagem atribuindo-lhe

elementos conclusivos; e no caso de o personagem ser autor de si mesmo. Em alguns momentos, O personagem Seu Lunga enfatiza entre esses conflitos, podendo ser completamente atribuído de características pelos poetas, ao mesmo tempo em que existe um referente que é externo ao poeta, ao folheto e ao personagem, sobre o qual se realizam as apreciações conhecidas.

Eis o que faz de Seu Lunga dos folhetos um personagem: Rosenfeld (2011) considera que “a nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais é extremamente fragmentária e limitada” (p. 32), enquanto os personagens são acessíveis em toda a sua essência, pelo menos toda aquela que se pretende apresentar para a realização das ações narrativas, sejam quais forem suas intencionalidades. Na impossibilidade quase que psicanalítica de acessarmos a consciência – e tudo o que a envolve – deste homem, referimo-nos a ele a partir de uma característica mais evidente. E essa única característica é apresentada como o todo.

Assim, temos um acesso específico à consciência narrada de Seu Lunga. Por isso, tem-se uma ideia em relação ao personagem de conhecimento de toda a sua essência, sensação de onisciência dentro da narrativa por parte do autor, mas também por parte dos leitores/ouvintes que se sentem em uma posição de supor o tipo de resposta que seria dada por Seu Lunga em determinadas situações. Enquanto Seu Joaquim apresenta diversas características que compõem uma personalidade que não pode ser totalmente descrita nos folhetos, mas a partir deles abre-se a possibilidade de imaginação.

Rosenfeld (2011) fala que a criação de personagens está situada em zonas indeterminadas, que se atém a elementos que não precisam ser dados ou descritos. Estas zonas representariam aquilo que não foi objetivado em forma de linguagem, mas que se constituem como imagens mentais, que decorrem justamente da limitação das orações das narrativas, que é a possibilidade da imaginação.

Os personagens, então, se mostram mais “coerentes” que as pessoas reais, com menos contradições. Seu Lunga só é compreendido dentro de um contexto de grosseria. O autor decide qual é o rumo de seu personagem, selecionando situações e aparências físicas e de comportamento que mereçam destaque, tornando os personagens, segundo Rosenfeld (2011), seres humanos puramente transparentes, em termos epistemológicos, a nossa visão.

Às vezes é difícil até colocar-se fora do companheiro de acontecimento da vida e fora do inimigo; tanto estar situado dentro da personagem quanto axiologicamente ao lado dela e contra ela deforma a visão até com elementos palidamente complementares e concludentes; nesses casos os valores da vida são superiores ao seu portador. O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas inteiramente

diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas. (BAKHTIN, 2011, p. 13)

Essa construção de uma representação é chamada por Bakhtin (2011) de excedente da visão estética, considerando-as como criações, por tratarem-se de conhecimentos limitados sobre o outro. Os autores nunca conhecerão por completo a essência, a subjetividade, a consciência de Seu Lunga – tampouco se propõem a isso. Sua representação é feita como personagem a partir de atividades contemplativas, que permitem as atividades criativas. As imagens externas são vivenciadas unicamente pelos indivíduos e temos a sensação de apreender completamente a personagem, pois suas formas caricaturais nos são apresentadas como se representassem o todo.

A consciência do autor envolve a consciência e o mundo de seu personagem, conhecendo tudo o que o caracteriza, o que ele conhece, o que ele sente, mesmo as sensações que sejam inacessíveis aos próprios personagens. “O modo como eu vivencio o eu do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio eu” (BAKHTIN, 2011, p. 35). As afirmações do personagem sobre si mesmo, na verdade, são afirmações do autor sobre a consciência da personagem, são representações. O outro que percebemos não é o outro real. Sua completude está inacessível e apenas podemos ter acesso ao que sobre ele é construído.

Wood (2012) considera que conhecemos os personagens a partir das formas como eles nos são apresentados pelos autores, que algumas vezes é como outros personagens o veem. Conhecemos os personagens pelo que Bakhtin chama de “excedente da visão estética”, ou seja, nossa interpretação sobre os personagens é construída a partir do que os autores constroem sobre elas. No caso de Seu Lunga, são vários autores que o constroem. Coletivamente, ainda que de forma independente. Cada um com seus discursos constrói elementos de um personagem em comum.

Assim, a atividade criativa que gera a imagem de Seu Lunga não pode ser considerada individualmente, já que cada poeta, assim como cada narrador oral, insere elementos nesse personagem ao qual temos acesso. Seu Lunga é o resultado de uma série de diálogos que compõem novos discursos, conforme sugere o dialogismo de Bakhtin (2011). É a partir dos diálogos que o imaginário é constituído em seu sentido mais amplo, e no caso da construção do personagem Seu Lunga, estes diálogos podem ser identificados e analisados a partir dos discursos dos folhetos.

Em cada caso contado sobre seu Lunga, novos elementos decorrentes das ações se constituem como construtivos dos personagens. Cada personagem Seu Lunga de

cada poeta é um personagem diferente e que contribui com traços para constituir a imagem do Seu Lunga que se faz marcante nos imaginários nordestinos.

Por tratar-se de um personagem, Seu Lunga não surge de suas próprias forças de existências, mas há uma inspiração em um homem que também se configura como autor, quando cria traços de personalidade. Referimo-nos aqui à autoria dos poetas, que decorre da oralidade que se inspira no autor primeiro, que é o próprio Seu Lunga em suas experiências cotidianas. Mas a configuração do personagem enquanto tal está na “compreensão participativa e o acabamento do acontecimento da vida dela por um espectador em realidade cognoscente e eticamente alheio” (BAKHTIN, 2011, p. 13), ou seja, na imagem que emerge como um fenômeno estético<sup>2</sup>.

Um personagem se constitui a partir de suas características descritas e daquelas apreendidas pelas ações. Para Bakhtin (2011), é necessário extrair o material biográfico das obras e analisar a forma como os acontecimentos são tratados para que se possa compreender o personagem. Na atividade criativa o que se produz não está necessariamente relacionado à escrita biográfica do personagem, nem se relaciona diretamente com as relações ontológicas estabelecidas entre ele e o autor, mas “costuma haver uma reformulação do pensamento para que corresponda ao conjunto da personagem” (BAKHTIN, 2011, p. 9), que é composta por características físicas descritas em forma de imagem, por visões de mundo, hábitos e pelas ações desenvolvidas no decorrer da narrativa.

Seu Lunga é descrito nos folhetos, atribuem-se adjetivos, faz-se juízo de valor sobre sua personalidade, mas a força de sua caracterização está nas ações que se repetem: perguntas ou comentários triviais que recebem respostas grosseiras. Segundo Bakhtin (2011), o todo semântico do personagem só pode adquirir significação neste conjunto entre traços descritivos e ações. Através do ato, realiza-se uma significação concreta, que depende de fins e de meios, não apenas de determinações dos personagens.

Brait (2006) classifica este tipo de personagem como plano, ou seja, “definidos com poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor” (BRAIT, 2006, p. 41). Personagens planos podem ser subdivididos em tipos, que são peculiares, mas não deformados, e caricaturas, quando uma única característica é levada ao extremo, causando distorção e, segundo Brait

---

<sup>2</sup> Não cabe neste texto uma discussão sobre os conceitos de “estética”. Entretanto, apontamos que, aqui, a estética é referida como um conjunto de sentidos que emerge da recepção dos conteúdos artísticos e midiáticos.

(2006), normalmente está a serviço da sátira. Seu Lunga é uma caricatura em que apenas a grosseria recebe destaque em suas ações, sendo distorcida ao ponto de representar situações inverossímeis ou de agressões a si próprio.

Nos versos de cordel, são sempre os traços de grosseria que são relatados. Apesar de alguns poetas destacarem outras características quando iniciam os folhetos, as ações realizadas pelo personagem têm sempre uma mesma forma, seguem estruturas semelhantes e o conteúdo se refere ao mesmo traço constitutivo, que é o das respostas agressivas.

Um prato de sopa quente  
Seu Lunga tava comendo  
Um amigo lhe pergunta:  
O que você está fazendo?  
Responde: estou me banhando!  
No próprio corpo virando  
Aquela sopa fervendo<sup>3</sup>

Classificar Seu Lunga como um personagem plano não significa considerá-lo pouco vivo, ou que isso o coloque em um campo de significação distanciado da realidade cotidiana. Não há uma hierarquia entre os tipos de personagem. "Terei de admitir que muitos personagens ditos planos me parecem mais vivos e mais interessantes como estudo humano, por mais efêmeros que sejam, do que personagens redondos a que supostamente estão subordinados" (WOOD, 2012, p. 94). Em vez disso, fixar-se em uma característica e assumir o posicionamento de um único olhar remete à complexidade do personagem como todo, do qual o autor não dará conta. Faz-se assim uma caricatura, destacando um elemento apenas para representar este todo, afinal, é a caricatura do homem que construiu o personagem vendido em folhetos de cordel.

Seu Lunga descrito nos versos é a personificação, a representação de uma ideia. Uma significação que remete a um homem real e ao mesmo tempo cria outro, cria vários, com características estereotipadas, que variam nos folhetos apenas em alguns detalhes, mas mantém os formatos de construção de realidades que se refletem no cotidiano, nas falas, nos interpretantes, que se formam a partir das leituras dos versos.

Na constituição do folheto, o personagem Seu Lunga é fundamental, pois os gracejos estão centrados em suas ações de protagonista. Ele interage com outros interlocutores, mas eles não são fixos nos causos. Alguns até aparecem mais de uma vez,

---

<sup>3</sup> Rouxinol do Rinaré, p. 11.

como é o caso da esposa de Seu Lunga, mas ela não é descrita nem recebe características, apenas sofre as ações.

Durante sua vida, Seu Lunga considerava aqueles folhetos uma ofensa, afirmando que os causos não representavam a realidade. O nome do personagem que “coincide” com o seu e as histórias de grosserias remetiam a comportamentos rudes que ele mesmo assumia possuir, com a justificativa de exigir denotações linguísticas nas perguntas que lhe faziam. De personagem, Seu Lunga passa a ser também uma metáfora, como mencionado anteriormente.

Essa disputa em torno da veracidade das histórias sobre Seu Lunga permaneceu até o fim de sua vida. Inúmeros folhetos começavam defendendo tratarem de casos “reais”, que os próprios poetas teriam visto e ouvido. Quando Seu Lunga negava as histórias, isso aparecia como uma defesa da própria imagem, que ele não queria que fosse de chacotas ou piadas. Mas o personagem transcendeu às vontades sua e dos poetas e a disputa aguçava ainda mais a curiosidade dos leitores sobre este homem curioso, caricato.

Mesmo assim, Seu Lunga mantinha comportamentos que colocavam metáfora e referente no mesmo corpo. “Olhando através dessa tela da alma do outro, reduzida a meio, eu vivifico e incorporo a minha imagem externa ao mundo plástico-pictural” (BAKHTIN, 2011, p. 29). Personagem e indivíduo se confundiam e se misturavam o tempo inteiro, porque o próprio Seu Lunga, por vezes, incorporava as ações que são, até hoje, reproduzidas nos folhetos e que ele criticava, mas não desconstruía.

Os poetas autores de folhetos sobre Seu Lunga entrevistados nesta pesquisa, no contexto da dissertação, consideram a imaginação/criatividade como pontos de partida para a composição dos versos e admitem inspiração nas ações de Seu Lunga para a criação de seus personagens. Seu Lunga é uma invenção baseada na realidade cotidiana. Atribui-se a ele características e ações que podem ter origem tanto em outros indivíduos quanto na criatividade dos poetas – que são livres para construir aqueles que conduzirão as ações de seus versos.

Seu Lunga está constituído em imaginários e na realidade cotidiana, e podemos identificá-lo nos folhetos, que materializam esse imaginário criativo. Considerá-lo um personagem está relacionado com a forma narrativa que o constitui, muito mais do que com representações ontológicas. Por isso, não consideramos que o personagem esteja relacionado apenas ao campo da ficção. As formas narrativas, que compreendemos como construções de realidades em variados campos de significação, possuem personagens que conduzem as ações e possuem características próprias, criadas ou representadas pelos autores.

Isto posto, seguimos este trabalho com uma análise dos dois primeiros cordéis sobre Seu Lunga publicados por Abraão Batista: “As histórias de Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”, volumes 1 e 2. Esses foram os primeiros títulos a colocarem Seu Lunga como personagem, em 1987. Diante das disputas de sentido já identificadas em torno dele, quais os espaços cognitivos, medidos pelos campos finitos de significação, pelos quais o personagem transita no cordel de Abraão?

### **Abraão Batista: “Achei que Seu Lunga merecia um cordel... Escrevi... E publiquei... e deu certo!”**

Abraão Batista é poeta cordelista e professor aposentado. Mora em Juazeiro do Norte, a mesma cidade onde residia e trabalhava Seu Lunga. A proximidade geográfica facilitou o acesso de Seu Lunga aos versos de Abraão Batista na época de sua publicação. A reação desde o primeiro momento sempre foi de rejeição. Seu Lunga acusava Abraão Batista de “inventar histórias” sobre ele. Abraão foi, ainda, o único cordelista que escreveu sobre o personagem a ser processado e afirma que as histórias que ele publica não são mentirosas, mas como é comum acontecer nos folhetos de cordel, combina realidade e imaginário.

Segundo Abraão Batista, a inspiração criadora de versos sobre Seu Lunga vem das histórias orais que as pessoas costumavam contar. Histórias que os interlocutores insistem em afirmar serem ‘verdadeiras’, porque acontecera consigo ou com alguém próximo, o que passa uma ideia de confiança em quem faz o relato. Em Juazeiro do Norte é muito comum encontrar pessoas que afirmam ter vivido situações cômicas com relação à grosseria de Seu Lunga, e é nisso que o poeta se apoia para a criação de seus versos. Seu Lunga é parte, não só do imaginário coletivo, mas também de uma realidade cotidiana na qual o poeta e seu público estão inseridos.

Eu sempre faço isso pra fazer marketing: deixo um cordel à vista. Aí o camarada no caminho disse: “Abraão, isso é verdade! Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo, isso é verdade! Essa semana eu fui lá... Eu tenho um ventilador, importado, inglês, e ele deu problema devido ao uso, e eu fui atrás de uma peça, um parafuso. E Seu Lunga achou a peça e já estava com ela em cima do balcão. Chegaram dois amigos de Lunga, e ele me deixou esperando e foi conversar com os amigos, na maior alegria. E passa tempo... Aí eu fiquei... E disse: Seu Lunga, eu estou apressado, eu cheguei primeiro! E ele disse: ‘Se o senhor estivesse apressado, teria chegado aqui ontem!’” Não é engraçado? Aí eu parei o carro e anotei! (...) Aí fui anotando e publiquei o segundo volume. Ele tem elementos nossos que partem do imaginário para o real e do real para o imaginário. E termina tendo mais força do que o real. É Seu Lunga, é isso. Eu explico nos cordéis: ali tem histórias ‘cem por cento’, e algumas histórias o povo recriou, aumentou, inventou. (...) Eu tenho cuidado para não fugir do real e do imaginário.

Você tem que somar a realidade com o imaginário, formando uma salada gostosa. Porque o cordel tem que ter fala de povo, cara de povo, jeito de povo. Se não for assim, não vai ter aceitação popular. (ABRAÃO BATISTA, Entrevista, 2012)

E descreve o personagem:

Antes de tudo, o Seu Lunga é um típico, é o fenótipo do agricultor, um homem da agricultura e que veio morar na cidade. Ele é de Caririaçu. É uma visão do homem, daquele homem, daquele agricultor, daquele descendente de negro e português, europeu e índio. Um homem, muitas vezes, cheio de tradição, de preconceitos, que a mulher tem que ser submissa. E o homem, não sei o que, e tem que cortar o cabelo, ele tem horror a cabeludo! (...) Então Seu Lunga é um homem normal. Um homem que herdou dos europeus aquela herança maldita de preconceitos. (...) Um cara que vivencia a sociedade contemporânea, embora, levando consigo a sua herança passada. (ABRAÃO BATISTA, Entrevista, 2012)

Segundo o poeta, os resultados são positivos e o alegra muito que seus folhetos tenham um grande alcance. "Tomei conhecimento que em um cruzeiro que ia para o Japão este cordel foi lido às gargalhadas." E, a partir da impressão dos folhetos, a história do homem de Juazeiro do Norte pode chegar a lugares diversos. Os versos ampliaram a possibilidade de recepção, gerando, inclusive, novos relatos orais, agora sobre os versos lidos. "Caiu na boca do povo o comportamento dele", diz o poeta.

E essa repercussão teria sido, na opinião do poeta, o motivo que levou Seu Lunga a processá-lo. Mas seus causos sobre Seu Lunga deram margem também à inspiração de outros poetas, que, segundo Abraão Batista, passaram a escrever sobre o personagem histórias maldosas e que detratam sua imagem, utilizando palavras de baixo calão e descrevendo situações que seriam constrangedoras a Seu Lunga. Para o poeta, seus versos não são ofensivos à imagem de Seu Lunga.

Eu não sou um mentiroso, Seu Lunga, eu sou um contador de histórias, que registra a história do Seu Lunga, a personagem Seu Lunga. (...) Eu não tenho personagem, meu personagem é a realidade, é o imaginário que eu vejo. Eu não crio personagem. (...) Eu não criei Seu Lunga, ele já é criado. Eu não inventei a história do Seu Lunga, ela já foi inventada, ela já existia, ela existe. (ABRAÃO BATISTA, Entrevista, 2012)

No contexto da morte de Seu Lunga foram publicados outros inúmeros folhetos. Abraão Bastista também fez a sua "homenagem" em versos para o homem-personagem que ele ajudou a construir. Versos que foram publicados em dezembro de 2014, um mês depois da morte de Seu Joaquim, como é comum que seja feito no cordel.

O folheto de Abraão faz uma homenagem a Seu Lunga retomando acontecimentos de sua vida e justificando o motivo de atribuírem a ele

este comportamento. Como numa prestação de contas do poeta que escreveu histórias sobre Seu Lunga em dois volumes, Abraão fala sobre seu respeito e lamenta a morte de Seu Joaquim, o homem que inspira o personagem. (CARVALHO, 2017, p. 265)

Os versos de Abraão apontam para um interesse público pelas histórias do personagem, seja por contá-las ou ouvi-las. Esta admiração das pessoas torna Seu Lunga um objeto de curiosidade, intrigante e que faz parte de um imaginário coletivo. Este imaginário é mostrar um interesse em torno deste personagem. Mas, segundo o poeta, é necessário que haja uma “boa interpretação”, e esta é a sua função, interpretar e contar os causos.

Seu Lunga, tem mais ainda:  
do povo a admiração  
buscando suas histórias  
junta-se até multidão  
pra ouvir, dele, notícia  
com boa interpretação.  
(BATISTA, 1987)

Abraão busca constantemente construir efeitos de real em sua narrativa, convocando elementos verificáveis da realidade cotidiana para serem inseridos nos versos. Ela aponta de onde vieram as histórias:

Desde menino escuto  
cantadas de boca em bocas  
as histórias de Seu Lunga  
engraçadas e muito loucas  
pois me deixam abismado  
tantas vezes e não poucas.  
(BATISTA, 1987)

Faz referência à família de Seu Lunga:  
É um homem que conhece  
a sua própria função  
vive estabelecido  
casado por convicção  
tem filhos já bem formados  
e seguem a religião.  
(BATISTA, 1987)

A suas posses:  
Vive muito bem de vida  
na classe média ajustado  
tem sitio, casa na rua,  
dinheiro seu, emprestado  
com bom crédito no banco  
e amigo no mercado.  
(BATISTA, 1987)

E a eventos datados, como a candidatura de Seu Lunga a vereador de Juazeiro do Norte, em 1992:

Seu Lunga foi um candidato  
E como é bom cidadão  
Tinha o nome comentado  
No mais longe quarteirão  
No comício era festa  
Grande alegria do povão.  
(BATISTA, 1987)

Deste modo, o Seu Lunga personagem não sai de perto de seu referente real. Mas Abraão não se exime de fazer o que ele chama de “interpretação”:

Talvez um dia se saiba  
Porque Seu Lunga é assim  
Pessoalmente é tratável  
Não se pode dizer enfim  
É ser onomatopaico  
Presunçoso e muito ruim

Ao contrário, eu afirmo  
É homem trabalhador  
Nunca conversei com ele  
Mas como observador  
Digo que é inteligente  
E passa mela em doutor.  
(BATISTA, 1987)

Como mencionado na entrevista, o poeta apresenta um certo cuidado em seus versos para utilizar termos que não sejam ofensivos e que, apesar de construir histórias cômicas e de grosserias, ele mantém-se respeitoso ao referente de seu personagem. O Seu Lunga de Abraão Batista é respeitado por dois motivos: pelo seu trabalho, e pela relação de respeito que as pessoas que também aparecem nos folhetos como personagens têm com o protagonista.

Seu Lunga desta história  
é um homem respeitado  
tem uma loja que vende  
ferro velho, enfeitado  
sucatas e parafusos  
e tudo que foi usado.  
(BATISTA, 1987)

O poeta se refere ao Seu Lunga da realidade cotidiana que se confunde o tempo inteiro com o Seu Lunga personagem de cordel. A marcação entre um e outro não é explícita e os efeitos de real são sempre atribuídos ao seu próprio olhar de autor, contando experiências vividas ou testemunhadas por outras pessoas.

Ao apresentar a característica fundamental de seu personagem, Abraão Batista atua como legitimador da realidade apresentada no folheto a partir de uma contextualização e explicação daquilo que ele aponta.

Acontece que Seu Lunga  
é inimigo da burrice  
de perguntas idiotas  
gente besta e tolice,  
por isso ele se zanga  
com qualquer idiotice.

Talvez o Seu Lunga tenha  
um juízo elevado  
uma cuca inteligente  
de pensamento apumado  
nesse caso ele se zanga  
com perguntas de alezado.  
(BATISTA, 1987)

Outro efeito de real trazido por Abraão Batista para seu personagem é a utilização do discurso indireto, atribuindo ao próprio Seu Lunga a apreciação sobre as histórias com seu nome.

Outro dia ele disse  
que não gosta de ouvir  
as histórias sobre ele  
que fazem o povo sorrir;  
pra história eu escrevo  
por você tanto insistir.  
(BATISTA, 1987)

Outro efeito de real utilizado por Abraão Batista é a referência ao registro “histórico” que ele faz ao contar causos de Seu Lunga:

Seu Lunga, eu acredito  
é homem de realidade,  
muito manso e concreto  
na sua própria cidade  
sua história aprovo,  
fica na eternidade.

A sua vida passou-se  
pro próprio anedotário  
toda cidade o conhece  
como homem imaginário  
embora de carne e osso  
é conto e inventário.  
(BATISTA, 1987)

Assim, o poeta busca fazer um apanhado geral de um interesse coletivo sobre Seu Lunga, ao mesmo tempo que nos apresenta o seu próprio olhar, de modo que seu personagem seja compreendido como um homem real, sério e que, apesar da comicidade dos causos, não deve ser desrespeitado pelos leitores do folheto. O discurso que se apresenta como resposta de uma série de diálogos anteriores forma esta antecipação do poeta, que conhecendo a relação de Seu Lunga com essas histórias, imagina que será construído em seu público uma reação de deboche, e pode assim antecipar-se, fazendo uma introdução do personagem a partir de seu conhecimento sobre o homem real.

Nos versos seguintes do primeiro volume, Abraão Batista faz o relato de 35 causos sobre situações em que a comicidade está na reação de Seu Lunga diferente do convencionalmente esperado. Alguns casos de perguntas que recebem respostas grosseiras, outros em que Seu Lunga reage com ações contra si mesmo, como respostas a interlocuções do óbvio.

O comportamento de Seu Lunga é interpretado como “malcriação”, ou seja, algo como grosseria resultante da falta de trato e cuidado com as outras pessoas. Neste contexto, uma pessoa dita “malcriada” seria alguém que não exerce de gentileza com os demais. Mas no texto do poeta, o mencionado comportamento do personagem é resultado de provocações e incômodos que as pessoas o causam. As ações de Seu Lunga não seriam causa, mas consequência.

Agora vou começar  
contando a malcriação  
as respostas de Seu Lunga  
com a mais rara visão  
de responder desaforos  
ou qualquer intromissão.  
(BATISTA, 1987)

Seu Lunga é, assim, um personagem que, nos causos, reflete o comportamento de muitos homens em situação semelhante de instrução, faixa etária e formação cultural. Os causos são um formas de sedimentar sentidos possíveis, aqueles que compõem o universo simbólico onde Seu Lunga institui, por onde circula e como se torna conhecido.

Portanto ao grande Lunga  
Humilde peço perdão  
Se por isso se zangou  
Por favor, faço questão  
Mas Seu Lunga é do povo  
Com toda imaginação.

(BATISTA, 1987)

O uso de efeitos de real para a construção do personagem de Abraão mostra-se fundamental para sua narrativa, a qual ele considera que registra, que faz um inventário, da história. Há ainda uma questão ética de respeito entre homens que é convocada nesses textos, pois o tempo todo Abraão manifesta seu respeito ao homem, transformando-o em seu personagem. Diante disso, seus versos assumem um papel de “históricos”, de escrita do cotidiano – ainda que com métodos pouco convencionais ou verificáveis.

Os versos de Abraão, ao tratarem de Seu Lunga, reforçam a sua existência fora das páginas do folheto – que é convocada constantemente para sua construção. É comum que isso aconteça nas narrativas em cordel: uma fala dos poetas jurando quase que solenemente a veracidade de suas histórias. E esse aspecto autorreferenciado em torno da ideia de verdade é o eixo que articula as disputas que se estenderam entre Abraão Batista e Seu Lunga, até que este último viesse a falecer em 2014.

Entretanto, como personagem, sua morte material não significou o fim de seus existência simbólica. Seu Lunga permanece sendo parte do imaginário popular nordestino, continuam sendo publicados folhetos com seus causos e continua sendo uma metáfora utilizada para referir-se a pessoas grosseiras. O personagem Seu Lunga permanece vivo.

### **Considerações finais**

O cordel escrito por Abraão Batista e publicado pela primeira vez em 1987 continuou sendo editado e vendido oficialmente até que o poeta fosse processado por Seu Lunga e parasse de vender – o que não aconteceu efetivamente. Além de Abraão, outros poetas como Rouxinol do Rinaré, Jotabê, Zé do Jati, José Sindeaux e outros continuaram escrevendo, publicando e declamando versos que tinham seu Lunga como protagonista. Em 2018, quando fomos à Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro, para outra pesquisa, ainda encontramos folhetos com “As novas de Seu Lunga” por lá. Ou nas bancas de revista em Fortaleza, no Crato, no Mercado público de Juazeiro do Norte. Seu Lunga personagem ainda está por lá nas capas dos folhetos, nos versos declamados.

Seu Lunga ganhou visibilidade ao ser transformado em personagem de cordel. Deixou de ser “apenas” o homem real e, como personagem, virou metáfora (Ricoeur, 2005) e ganhou vida própria. Outra vida movimentada por um círculo mimético (Ricoeur 2012), cuja intriga tecida retorna para o mundo pré-figurado, abrindo outras

possibilidades narrativas – mas esta compreensão abre outra proposta de análise, pensada para projetos futuros.

Aqui o cordel aparece como uma materialidade onde a narrativa sobre Seu Lunga é organizada e de onde essa narrativa transborda. O cordel narra o cotidiano. Se pensamos na escrita da História a partir de uma perspectiva plural, que considera os rastros, os detalhes, os acontecimentos “menores”, as proporções locais, encontramos no cordel um relato do vivido. São personagens “comuns”, pessoas “próximas” que são narradas na fusão entre o real e o ficcional. Os poetas criam documentos sobre o presente histórico, registrando seus próprios olhares e vivências.

Seu Lunga permanece no cordel, permanece na memória, permanece na história.

## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BATISTA, Abraão. As histórias de Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo. (Vol 1 e 2). Juazeiro do Norte, 1987.
- \_\_\_\_\_. Morreu Seu Lunga. Juazeiro do Norte: Memorial do Cordel, 2014.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHO, Gilmar de. Moisés Matias de Moura. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011
- \_\_\_\_\_. Cordel, cordão, coração. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002.
- \_\_\_\_\_. Lyra Popular: o cordel do Juazeiro. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- FONSECA, Maria Gislene Carvalho. Folhetos de cordel entre realidade e ficção cotidiana: um estudo da mídia na construção do personagem Seu Lunga. Dissertação. Natal: UFRN, 2014.
- \_\_\_\_\_. Céu ou inferno: julgamento e memória nas narrativas de cordel. In: MARTINS, Moisés Lemos et. al. (Orgs.) Sentidos da morte: na vida e na mídia. Curitiba: Appris, 2017.
- LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte: Resgatar o patrimônio. In: MENDES, Simone (org.). Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- SANTOS, Francisca. Poética das vozes e da memória. In: MENDES, Simone (org.). Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

**ABSTRACT:**

This article discusses the story of Seu Lunga in the *cordel* "The stories of Seu Lunga: the most angry man in the world", written by Abraão Batista, the first poet to publish about the character. We understand *cordel* as a narrative communicational phenomenon of everyday records. We observe, through analysis based on the social construction of reality, disputes over meanings in the *cordel* about Seu Lunga, constituting a character as believable as mythical, using narrative strategies of effects of realness. We conclude that, by becoming a character, through the meanings that his name summons, Seu Lunga acquires permanence in the collective memory.

**KEYWORDS:** Seu Lunga; Abraão Batista; Character; Cordel; Communication.

**RESUMEN:**

Este artículo analiza la historia de Seu Lunga en las hojas "As historias de Seu Lunga: el hombre más enojado del mundo", escrito por Abraão Batista, el primer poeta en publicar sobre el personaje. Entendemos el *cordel* como un fenómeno narrativo comunicativo de los registros cotidianos. Observamos aquí, en un análisis basado en la construcción social de la realidad, las disputas de los sentidos en el *cordel* sobre Seu Lunga, que constituye un personaje tan creíble como mítico, a partir del uso de estrategias narrativas de efectos reales. Concluimos que, al convertirse en un personaje, a través de los sentidos que convoca su nombre, Seu Lunga adquiere permanencia en la memoria colectiva.

**PALABRAS-CLAVES:** Seu Lunga; Abraão Batista; Personage; Cordel; Comunicación.